

E-POIESIS: O FENÔMENO RADICAL DA TEIAJoão Carlos de Souza Ribeiro¹**RESUMO**

O presente estudo aborda o trânsito da literatura nos espaços emergentes do digitalismo. A rede mundial de computadores, ao agenciar o fenômeno da linguagem, na condição de teia, permite a reflexão sobre o *modus operandi* do texto literário, que funciona como rede, teia, em permanente expansão; sem limites. Destarte, a literatura, como módulo vivo, através de sua linguagem marcada pelo código artístico, revela em sua natureza fundadora o seu traço essencial: a virtualidade. A *e-poiesis* é, desse modo, a constatação do virtual fundador, inserido no virtual fundado, a partir de uma realidade singular, que é o texto literário em sua densidade hologramática. Em rede e por ser a própria rede, a *poiesis*, no mundo digital, propicia o vislumbre do horizonte não – tangenciável pela lógica, e transmutado pelo ludismo, que a literatura cria, através do *e-poeta*.

PALAVRAS-CHAVE: Rede; e-poiesis; e-poeta; virtual; linguagem.**ABSTRACT**

The study approaches literature's transit in digitalism spaces emergent ones. The world wide web allows reflection about literary text's *modus operandi* when language phenomenon in the web is understood and because of this it works like net, web in permanent expansion; non limited. Therefore as living module the literature reveals through its language in its founder nature which is designated by artistic code its essential feature: the virtuality. Thus the *e-poiesis* is the evidence of the founder virtual that is inserted in founded virtual from now a singular reality in which literary text is in its hologramatic density. The *poiesis*, inside the web and because it is also the own web, enables the shimmer of the non tangenciable horizon in digital world by logic and also transmuted by playfulness has been created by literature throughout *e-poet*.

KEYWORDS: Net; e-poiesis; e-poet; virtual; language.

Pensar a arte é pensar a existência e a estrutura que possibilita a existência.²

A Literatura, mais uma vez, e de forma cíclica, tem sido objeto de estudos, investigações, reflexões e contrarreflexões, no tempo marcado pela emergência das novas mídias, que assimilaram as linguagens e suas formas de expressão, além de sua

¹ Doutor e pós-doutor em Poética pela UFRJ, professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Acre, atuando no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS – UFAC. Membro titular da Academia Literária Lima Barreto.

² Portella, 1885, p. 31.

manifestação fenomenológica na rede planetarizada, em processo de conexão contínua, que é o espaço da *orbi* na contemporaneidade, formando a complexa teia na qual estão imbricadas as sociedades informacionais – nossos casulos interativos.

O temário proposto neste artigo é, com efeito, um desdobramento da nossa visão crítica acerca do assunto em tela, que tem sido objeto permanente de nossas investigações, na condição de poeticista, nos últimos anos. Apesar disso, portanto, cumpre também esclarecer que a pesquisa em torno da Literatura e sua inserção no maquinário digital emergiu, de forma espontânea e inusitada, quando iniciamos nossas atividades em diversos *blogs* autorais, na *internet*, e que, por conseguinte, permitiram que oportunizássemos outras problematizações congêneres.

Ao testemunharmos, incansavelmente, as inúmeras discussões, que insistem questionar, ainda, o lugar da Literatura, sua importância, seus atributos e sua prática dialógica, num mundo cada vez mais tecnológico, especificamente a realidade objetiva, no turno da ciberização crescente, percebemos, de um lado, a junção de dois universos distintos formando um *link* em perspectivas profícuas – a literatura e o meio digital – e do outro lado, a disfunção crítica de muitos céticos, que, sem qualquer estranhamento para escritores e teóricos, decidiram pela falência do texto literário, decretando cíclica e arbitrariamente a sua morte; imputando-lhe, por fim, a condição de elemento anacrônico, descartável, na era da urgência, da economia de linguagem e da atividade do pensamento crítico, em última análise.

As considerações sobre a Literatura no universo *on line* formam a base que sustenta, neste trabalho, o entrelaçamento fortuito e implacável, da *internet* com a *poiesis*, e que, não por acaso, constitui-se o título da presente investigação. Destarte, a compreensão inicial e propositiva, que ora estabelecemos, parte da semanticidade em torno do vocábulo rede e a migração da literatura – *poiesis* – para o mundo digital. Nesse sentido, é necessário pontuar que há, no nascedouro das questões sobre o corpo móvel, que é própria Literatura, o entrelaçamento conceitual e prático, que confere a substância ao texto poético, e à própria rede, na condição de estrutura, também móvel, e que, no processo da ciberização, é caracterizada pelos inúmeros e frutíferos enlaces. A Literatura é e está em rede; e, para além disso, é a própria rede. A rede – *web* –, por sua vez, faz parte da Literatura, pois, em sua origem, é tecido, é tessitura elástica; é teia que

se expande como o texto literário visto na amplidão da *poiesis*. Embora pareça novidade para leitores e estudiosos do assunto, e afins, a *e-poiesis*, a nosso ver, existe antes do nascimento do mundo digital. O mundo digital, nessa diretriz, que abarca a literatura em rede, é o resultado maquínico; é a concreção da *poiesis*, cuja rede primeva se dá ao nível do imaginário onde a linguagem, para além dos *bites* em sua composição de infinitude, é dado fundador da realidade, a grande teia que entrelaça coisas, seres; o homem e seu significado na dimensão esférica do Cosmo.

A defesa da natureza pré-existente da *poiesis*, que se confunde com o ideário abstracional, que é a teia propriamente dita, não revela o novo em Literatura. Entretanto, ao facearmos a *poiesis*, em sua força manifestativa e incessante no Real, reinventamos o nosso olhar, que, traído pela realidade circundante, que se constrói pelo *lógos* de ascendência metafísica, e do qual somos parte integrante e indissociável, impede-nos, sobremaneira, de alcançar o fenômeno poético em sua magnitude. A Literatura, nesse caso, que tende a ser expurgada da objetividade do maquinismo digital por seus algozes, em verdade, revigora-se pela transparência do poético na verticalidade da *poiesis*, pois é no fenômeno de fundação das infinitas possibilidades do Real que o processo aponta para a sua inversão. A literatura não é um elemento alienígena no curso do digitalismo, mas dele faz parte; integrando-se de forma absoluta e (trans)geminada (**grifo nosso**).

Ora, se a *poiesis* é a substância que ultrapassa o tridimensionalismo das questões constituintes da realidade humana, a *e-poiesis* é a concretização; é o elemento que agencia o duo real e o não – real em telas líquidas de plasma, ao alcance das mãos e dos olhos dos filhos nascidos do *Cogito*. O que está para além do Real insinua uma atmosfera de sonho, de milagre, mas, também, de pesadelo e de abismos. Este é, sem dúvida, um paradoxo eivado de antagonismos e dubiedades, que, a despeito de qualquer tentativa de atualização dos conceitos sobre a *internet*, e o que efetivamente é, representado pelo mundo digital na aurora do século 21, concorre para aglutinar, em sua linguagem de fundação, o sentido mais radical advindo da Arte. Mais do que um artefato, cujo fôlego é feito de algoritmos e equações matemáticas, a rede mundial de computadores, em essência, é a fusão, a convergência e o sinergismo de forças múltiplas, que sempre estiveram presentes e permanentemente fluídicas nos campos vastos e sem limites, que é a Literatura, pois ambos os universos estão conectados por

um espaço comum e indissociável: o Virtual. Desse modo, nosso pensamento está em consonância com as palavras de Jean - François Lyotard:

Um enigma ainda pode ser resolvido, mas um mistério deve permanecer impenetrável à razão. A beleza de uma forma é um enigma para o entendimento. Mas é um mistério inadmissível para a boa lógica que nos possamos comover pela “presença” ao sensível de uma “coisa” que o sensível não pode apresentar em formas. (LYOTARD, 1996, p. 211)

A colocação da conjunção *e* como distintivo da própria *poiesis* – *e-poiesis* -, no transcurso internético, não pode ser interpretado como um elemento qualificador daquela ou uma de suas modalidades previsíveis, embora a terminologia aponte para tal ocorrência. Nesse sentido, o que pode parecer um pormenor revela uma realidade complexa, que tende a ser um novelo a ser desenrolado, a par da antiestrutura que se move e que é regida suas próprias leis, que é o espaço digital. A saber: a redução econômica, em língua inglesa, do vocábulo *electronic* para fins de uso na rede mundial de computadores, - *e* -, daí o transporte e sua devida utilização em todo o planeta como indicador de qualquer elemento, que navega no ambiente *on line*, não deve ser assimilada como uma espécie de subcategoria ou linguagem de segunda classe, arrastada por uma vogal prefixal, que aparentemente renomeia algo impossível de ser balizado ou determinável. Estamos, portanto, diante de aparências ou de uma grande ilusão de ótica, apenas, pois, no caso da *poiesis*, os cavalos não puxam a carruagem, mas é o suntuoso veículo que impulsiona os animais! (**grifo nosso**). Eis a diferença da *poiesis* e seu fluxo comunicante, vazado e ramificado; fractal, em última instância, que se manifesta, de forma implacável e fenomenal, através da Literatura. O texto literário, *a priori*, constitui-se na grande rede de significação e ressignificação, na qual percorrem pontos inumeráveis como se fossem traços mnemônicos, que passam sobre a estrutura celular neuronal ou os infinitos riscos que cortam um ponto para formar uma reta suspensa no espaço.

O fato de a Literatura, no vigor notável da *poiesis*, ser vista como uma das linguagens codificadas, transcodificadas; e em processo de evolução contínua na *World Wide Web* – *www* -, não a torna menor; ao contrário, como representação inquestionável da Arte, a escrita digital, de tons eminentemente artístico, redimensiona os próprios espaços do mundo digital, conferindo outras modelagens e, por conseguinte,

outras reflexões acerca do Virtual e sua substantividade, fora, dentro e para além das telas, de todos os formatos, tamanhos e constituição, que abrigam a palavra internetizada (**grifo nosso**).

A atualização instantânea da práxis hodierna, que caracteriza o uso corrente das linguagens, cada qual com sua roupagem distinta, no universo *on line*, produz o efeito da invisibilidade, que engana todos e oblitera a visão, de tal modo, que é quase impossível perceber o que está por detrás dos textos, hipertextos, *links* e *hiperlinks*, que costumam o globo terrestre na rede, transformando o planeta em uma bola de pingue – pongue enredado entre os dedos. Assim, não se pode deduzir que a *internet* requalifica ou revigora a literatura, tomada aqui como discurso artístico, e, claro, de efeito essencialmente poético. A literatura, solta como um corcel, desembestado em campos abertos; ou um cavalo alado, que, livre no ar, é sinal evidente da vontade dos deuses na terra; é imensurável; é destituída de limites ou margens, além de navegar, transitar, escoar para todos os lados, de forma pujante e incontrolável. Como águas diluvianas, que invadem furiosamente as terras, a literatura é fluxo corrente, é fluido que não cessa, alagando todos os espaços visíveis e não – visíveis. Sem amarras e pujante, a linguagem literária não está subordinada a controles de acessos; não é, portanto, força inativa ou inercial. O texto artístico constitui-se no vigor, na *dynamis* que move a realidade, pois sua natureza é o móvel essencial, que impulsiona a realidade, em todos os níveis representacionais inteligíveis, previsíveis; imanentes e transcendentais.

O maquinário digital, qualquer que seja a sua classificação, segundo a escala de significação tecnológica, é uma ferramenta complexa e extraordinariamente viva; um instrumento exemplar a serviço da *poiesis*, que transmuta a própria realidade - feição e morfologia da técnica para se impor como linguagem, que assimila e transforma as realidades, em grau de emergência constante, na objetividade do mundo, cada vez mais reconhecido como aldeia planetarizada por uma rede de fios; conectada *full time* no painel formado por dígitos eletrônicos. Por essa via, apropriamo-nos, oportunamente, da reflexão de Jean Chesneaux:

Mas o amálgama se fez. As “novas tecnologias” foram elevadas à dignidade de um conceito; tornaram-se emblema salvador da modernidade em crise, seu sinal de unificação. Tão preocupadas com sua imagem, quanto de sua atividade, multiplicam as operações de autopromoção e de autovalorização. (...) Teriam elas uma função ideológica,

além da técnica? A de convencer sobre seu futuro brilhante uma humanidade que parece ter necessidade dele? (CHESNEAUX, 1996, p. 109)

A perseguir esse ideário, adensamos o pensamento crítico sobre a substância ontológica da tessitura poética. Qual seja: se a Literatura constitui-se, inapelavelmente, na essência libertária que é, possibilitando a ronda perfeita do Ser, independentemente de regras, teoremas, axiomas e/ou equações, que possam limitá-las; a *internet*, sob a égide do fenômeno *on line*, por seu turno, constitui-se, de forma sólida e não abstrata, em outra ordem de grandeza tal qual a expressão da arte por meio da escrita literária. A despeito disso, indagamos: existe, nesse sentido, um sincronismo ou um reflexo inequívoco de duas realidades distintas com características similares? O questionamento que apresentamos constitui-se, em verdade, na fenda aberta para o vislumbre da relação simbiótica entre *poiesis* e *internet*, ou, para sermos mais precisos, segundo a nossa proposição, a *e-poesis*, que condensa as forças imperantes do digitalismo e todas as suas imprevisibilidades, ocorrentes no universo *on line*, e a vertente inesgotável da *poiesis*, cujo fluxo, caudaloso, vertical e em profusão contínua no Real, protagoniza a criação dos mundos, através da palavra poética; do *lógos* de ascendência mitológica. Nessa sequência instigante, nossas palavras congeminam-se com as pontuações críticas de Rogel Samuel:

O texto eletrônico da literatura digital usa a palavra e a imagem infográfica como função poética, criando uma “escrita” cibercultural com a interferência e participação dos leitores que experimentam e interagem com a obra, produzindo-se uma criação plural e mediática. (SAMUEL, 2010, p. 210)

De um lado, o que é da ordem do poético e sua natureza prima, estabelecida pelo duo fundante – fundado, em que todas as categorias do texto e do metatexto, transmuta a palavra artística, transfigurando e reconfigurando, através do empoderamento da própria Arte, cujo vigor mantém e redimensiona as linhas, os tecidos e os corpos literários na amplitude duma rede imensurável, crescente e longe das medidas e das dimensões cognoscíveis, uma vez que o texto poético é a própria rede, que se alarga para todos os lados; avança, invade outros espaços, emaranha outros objetos e

complexifica-se espetacularmente, promovendo a multiplicidade infinita de formas e a polifonia de tons e subtons impressionantes e indescritíveis.

Do outro lado, a rede, em seu estado duplo de *hard* e *soft*, e que, amalgamados e indissociáveis, consolidam no maquinarismo digital o que antes flutuava como não – possível, na esfera do sonho. Real e Virtual transformam-se em dados fabulosos e viabilizam a aparente separação de polos que são/estão congeminados, produzindo uma realidade mágica; quase uma verdadeiro oásis à vista – registros de uma realidade cibernética, por excelência. Desse modo, a rede constitui-se no concreto e possibilita a linguagem do virtual, em cujo fluxo os inumeráveis dados transitam, trafegam (im)pulsivamente (**grifo nosso**), consagrando o midiatismo e o transmidiatismo das linguagens no universo *on line*. Em rede, portanto, a realidade é reescrita sob outros códigos, outras sentenças. Alfanumericamente abordado, o Homem, no limite da ciberização e já experienciando as nuvens da pós-ciberização, é sujeito e objeto de si mesmo, jogado e capturado pela rede em expansão, faminta e devoradora.

Para além de qualquer tipo de metaforização ou fruto da tarefa poeticista, ao refletir a realidade acerca da natureza e o fenômeno da Arte, em sua expressividade, a *poesis* é a vertente que subjaz todas as realidades, em cuja substância o visível é o impalpável e a ilusão de ótica é a imagem fugidia, que, nas mãos do poeta, é um pássaro, inquieto, rebelde. prestes a voar e se libertar de seus dedos quase divinais; e para o olhar dos mortais é um espetáculo furta-cor em que todas as coisas são e não são, estão e não estão simultaneamente. As essências em foco realizam-se e se desrealizam fenomenologicamente. O manifestar-se eclode no *lógos*, que incendeia a floresta, abre clarões, e revela para o observador o que está no vértice da palavra: o virtual transcendente, simbiótico e metamorficamente hologramático. Desse modo, desaguamos nosso olhar crítico juntamente com a visão de Luiz Alfredo Garcia-Roza:

Mais ainda, se a natureza é para nós aquilo que se mostra, aquilo que se oferece à observação minuciosa, capaz de revelar seus mínimos recantos, a *physis* grega mostrava-se resistente a esse desnudamento total. A famosa frase de Heráclito “a natureza gosta de esconder-se” não impõe ao observador apenas um olhar mais atento, mas aponta-lhe um limite além do qual seu olhar e sua palavra são remetidos à escuridão e ao silêncio. Em Heráclito, o olhar é indissociável do dizer e do escutar. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 46)

A *web* - a grande teia - que liga e interliga os polos de comunicação, na aldeia global, por meio de cabos, fios, *plugs* e sistemas *wireless*, transforma, definitivamente, o que não era em ser – infinitivo que suspende -, e vence a força da gravidade para tornar o real em virtual e o virtual em real. Esse é ponto de conexão entre o que se constitui no domínio irredutível da *internet* e a *poiesis* transmutada para o espaço, que, por sua natureza, que é a de fundar, através da palavra, sempre fora de seu pertencimento; i. e., a própria virtualidade, atributo significativo e metassignificativo do texto poético na condição de malha textual; tecido que, entrelaçado, enreda autor, leitor e mundo em uma tessitura sem fim. Na rede, todos são; fora da rede, nada é, ninguém e nada está sob a abóbada do Ser.

O poético está além do real e a *e-poiesis* é a figuração e a transfiguração de espaços, que gradativamente revelam aberturas sem nomes – *topoi*, ainda, à guisa de classificação, e que abrigam os textos poéticos, que migram do mundo real para o virtual e do virtual para o real. Segundo a visão crítica de Marcos Torrigo:

A arte porta-se como um caminho tanto de expressão quanto de descoberta dos novos paradigmas científicos. A interatividade é atual e será cada vez mais presente na vida de todos nós, sendo a arte uma das portas para ela. Os postulados da física quântica podem se aplicados aos novos desafios propostos pela interatividade. Como enunciou Werner Heisenberg: “a observação de um fenômeno sofre o efeito do observador”. Em poucos campos isso se torna tão claro quanto na internet e na interatividade, seja das pessoas ou das partículas. McLuhan já falava do artista como o intérprete (e profeta) das novas tecnologias. (TORRIGO, 2004, p. 55)

O ponto de conexão, que une as realidades, em estado de emergência múltiplo e simultâneo, provoca crises de estranhamentos, que, por sua vez, retiram da zona de conforto todos os que estão ligados à *poiesis* e que experienciam a sua navegação no universo *on line*. Nesse sentido, é imprescindível ressaltar que não se deve discutir o mérito das formas ou das possíveis metodologias pelas quais transitam ou transmigram os elementos poéticos. O que importa, sobremaneira, para o estudo em evolução - e frise-se bem -, em estágio germinal, dada a dimensão do universo *on line*, é a confluência no vácuo das questões, que sugerem a nominação de lugares, ainda não pensados ou vislumbrados.

Nesse sentido, entabulamos a oportuna problematização: se o texto poético, ao passar para o nível *on line*, promove o estabelecimento de outra realidade, é lícito afirmar que o espaço internético, que o define como *e-poiesis*, não se constitui apenas no espaço da rede, em seu sentido *hard e soft*, que recebe dados, números, letras, textos e *links*. Abre-se uma lacuna desconhecida, pois o que viaja do Real para o Virtual é do pertencimento da Arte, e sua força imanente não é absorvida pelo virtual como outras categorias de tessituras ou linguagens quando ultrapassam os portais do universo *on line* e são substituídos por outra linguagem de representação. O texto artístico está e não está no universo virtual. Diante dessa inferência, uma questão se impõe a par de uma fenomenologia, que incida sobre o ato e a potência de tudo que é, existe, está e se transforma no transcurso da *internet*, propriamente dita. Qual seja, portanto: é possível o virtual cultural encapsular o virtual natural? (**grifo nosso**)

O texto poético, virtual por excelência, é um universo paralelo e maior do que aquele que o espaço *on line* oferece. No sequenciamento digital, o que se depreende é uma grande ilusão de ótica ou a ficcionalização do próprio virtual, que parece solapado pelo texto poético quando a tessitura, de ascendência artística, ultrapassa os portais da realidade *hard* para atingir os espaços *soft*, onde as linguagens transitam nos lugares intangíveis e ciberizados *stricto sensu*. Roland Barthes, sabiamente, nos conforta com sua *Aula*:

Que o real não seja representável – mas somente demonstrável – pode ser dito de vários modos: quer o definamos, com Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). Ora, é precisamente a essa impossibilidade topológica que a literatura não quer, nunca quer render-se. Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz uma faina incessante, a literatura. (BARTHES, 1997, p. 22-23)

Se invertermos a lógica ou a (trans)lógica do maquinário em questão (**grifo nosso**), que é definido pelo digitalismo crescente, o virtual, que advém das mídias tecnológicas, não pode abarcar ou contingenciar o que verte substantivamente do próprio virtual, que, por sua vez, provém da realidade impalpável, não – tangenciável, estando, desse modo, permanentemente escondido, sob os véus inumeráveis do Real. A

reflexão, portanto, antes de ser matemática, é essencial e radicalmente filosófica, pois recupera, na origem, o sentido mais denso do que é o Virtual em sua cadeia metalógica (**grifo nosso**), de significações plenas e em construção contínua, nas realidades em que o pensamento se transforma em dado produzido pela teia a perfazer os espaços complexos da cognição humana, cifráveis ou indecifráveis.

O virtual, que é produzido pelo maquinário digital e que preconiza, com legitimidade, o que é denominado Inteligência Artificial, nada mais é do que o reflexo que se pauta em uma realidade, que representa, no duo velar - desvelar, o virtualismo que funda, refunda, forma e transforma a linguagem ordinária e extraordinária. Nesse sentido, o que se vislumbra na teia, que se expande sob leis próprias no universo *on line*, é, definitivamente, o fluxo constante, crescente e infinito das imagens que se cruzam sem se tocarem, voam sem se lançarem; povoando a rede mundial de computadores e canalizando, de forma múltipla e avassaladora, as vozes em polifonia, além de multiplicar exponencialmente o sentido, o tom, o ritmo, o volume, a harmonia e o silêncio das linguagens transcodificadas para habitarem o espaço digital, com todas as cadeias de representação na teia complexa, sintetizada pelas letras *www (World Wide Web)*. Pierre Lévy, com propriedade, assinala:

A empresa virtual não pode ser mais situada precisamente. Seus elementos são nômades, dispersos, e a pertinência de sua posição geográfica decresceu muito. Estará o texto aqui, no papel, ocupando uma porção definida pelo espaço físico, ou em alguma organização abstrata que se atualiza numa pluralidade de línguas, de versões, de edições, de tipografias? Ora, um texto em particular passa a apresentar-se com a atualização de um hipertexto de suporte informático. Este último ocupa “virtualmente” todos os pontos da rede ao qual está conectada a memória digital onde se inscreve seu código? Ele se estende até cada instalação de onde poderia ser copiado em alguns segundos? Claro que é possível atribuir um endereço a um arquivo digital. Mas, nessa era de informações *on line*, esse endereço seria de qualquer modo transitório e de pouca importância. Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar. (LÉVY, 1996, p. 19 - 20)

A *e-poiesis*, em seu espaço vasto e indevassável, *per si*, está blindada naturalmente por seus processos originários. Nesse sequenciamento translógico, por ser dotada do DNA da própria Arte, a *e-poiesis* porta, em sua tessitura fundamental, o poder da transfiguração da realidade, o que a coloca em vantagem em relação a todas as linguagens; sobretudo as que não são artísticas, que são pulverizadas no mundo metafísico devido ao agravamento da crise de significação na era cibernética, e de forma mais aguda nos ares pós-cibernéticos. Assim, o que determina o estético em Arte, dentre suas características, é ser radicalmente virtual. O virtual opera os níveis ontológicos da linguagem: a que é e a que não é; a que está e a que não está, produzindo, em última análise, o fenômeno que constitui o Real e de tudo que nele existe, e que, portanto, é parte integrante, indissociável de sua natureza de fundação; é, por fim, a própria essência em estado originário.

A representação do virtual, através do maquiagem digital, nesse sentido, possibilita a fabulação daquilo que não é para ser; e do que não está para estar ou vice-versa, uma vez que a rede funciona como um espelho mágico. As coisas são e não são; não foram e serão; foram e deixarão de ser; estão e não estão; não estiveram e estarão; estiveram e não estarão mais. Eis, portanto, o círculo perfeito do duo ser – estar, previsto e viabilizado pelo código matematicamente poético do virtual e sua linguagem, que rompe todos os paradigmas lógicos e metafísicos. Destarte, a rede (re)produz um dos fenômenos mais impressionantes, encontrados somente na Arte, com seu vigor de encantamento, sedução, arrebatamento e contemplação, que se traduz no ludismo. A Arte é, insofismavelmente, lúdica. Se não houver o jogo, a Arte jamais existiu ou existirá; sua linguagem será indelevelmente oca, vazia.

As telas de plasma, em níveis profundos, formam uma cadeia crescente de espelhos que se interconectam para espalhar as imagens, que se multiplicam, mas que não se confundem no espaço, onde o virtual domina soberanamente. Essa rede gigantesca e complexa, que é a configuração da própria teia, viva, móvel, não – determinável por regras lógicas e, por consequência, inteligente, é o reflexo do ludismo, que está presente em todas as formas de manifestação da Arte, desde que o Homem percebeu na linguagem artística a existência de outros universos, não – cabíveis no

lógos ordinário e, desse modo, superposto e flutuante no *lógos* extraordinário, o código da Arte - o transcódigo eletrônico (**grifo nosso**).

A *e-poesis* é uma das formas de representação especular, que, vinda da letra atemporal e instalada na realidade circundante, atravessa a brecha virtual, estabelecida pelo ponto de acesso existente no universo *on line*, e redimensiona os limites da *World Wide Web*. Nessa pontuação crítica, é lícito afirmar que o texto artístico, na condição de malha textual, ao fundir-se com a teia, que é a própria *internet*, promove um ataque viral sem precedentes na rede mundial de computadores, e também na imaginação e na intenção dos cientistas das linguagens computacionais, que foram obrigados a criar essa terminologia para identificar o que, com efeito, corrói e destrói as estruturas fechadas, presentes nos circuitos *hard* e *soft*, respectivamente, e que são os pilares dos sistemas de programação existentes e que estão em vigência no mundo, por enquanto; além, é claro, de ser uma das formas de projeção e, por conseguinte, de representação no mundo virtual de tudo aquilo que acontece no mundo real. Estranha, paradoxal e analogamente à realidade objetiva – mundo real – a *internet*, com todo seu gigantismo imensurável, é o microcosmo do Real fora dos limites do universo *on line*.

Em verdade, insta esclarecer, de imediato, que a emergência da *poiesis* no *status* cibernético de carga viral nada tem a ver nem com o que já está convencionalizado nos meios informacionais, quando o assunto é a debilidade e as falhas sistêmicas programáticas, e que remetem aos mais diversos vírus, que acometem e provocam interrupções de toda ordem e/ou a falência dos circuitos maquínicos, e tampouco com os *hackers*, inimigos autênticos da rede mundial de computadores. É claro que, no turno do poeticismo, usamos da palavra para arrematar a tese que defendemos sobre a *e-poesis* e seu empoderamento no mundo digital. Destarte, se a Arte é a principal fomentadora do ludismo no Real, lançamos, portanto, uma indagação: o que é o artista, senão um mágico, um meigo, (recorrendo à origem do nome, que em Latim significa: *magicus* > *maigu* > meigo = ilusionista) que engana todos, com detalhes quase imperceptíveis, induzindo seu público a um êxtase, a um estado de suspensão, arrebatamento; e que mortal algum na face da Terra é capaz de fazer com tamanha maestria e singularidade?

Travestindo-se de forma enigmática, ora visível, ora invisível, o artista invade qualquer espaço, atravessa portas sem abri-las, transmuta-se em outras formas e

presentifica-se nos lugares mais inusitados, os mais íngremes possíveis, desafiando, por fim, as leis da gravidade e das dimensões existentes, aquelas já descobertas e vencidas pela Humanidade bem como as que jazem somente na teoria. Assim, é factível afirmar que o texto poético, na roupagem da *e-poiesis*, ao invés de ser puxado pelos cavalos na carruagem veloz, já abordado anteriormente nessa reflexão crítica, arrasta os animais em movimento reverso para se instalar como corpo estranho, nas instâncias paradigmáticas e matemáticas do mundo digital. A linguagem híbrida, metamorfoseada em números e letras - os denominadores alfanuméricos - está aquém da linguagem artística, que, por força da própria *poiesis*, instaura seus códigos distintos e emblemáticos no universo *on line*.

O virtual que emana do texto poético, sendo, desse modo, um dos seus principais atributos, enreda-se na rede, que é a própria *internet*, pois a redundância ora apresentada é a prova cabal de que não há diferenças entre as redes existentes no Real, e de que todos os polos em cadeias são, em última instância, parte de uma realidade universal. A rede literária na literatura em rede está criada; plugada, conectada e em expansão. Assim, cumpre destacar que é nessa configuração translógica que os estatutos metafísicos cedem espaço a novos tipos, espécies e modos de apresentação das linguagens, que, transmutadas em si e a partir de si mesmas, estabelecem práticas dialógicas emergentes, que alimentam a rede, retroalimentam a literatura, no turno da “onlainização” (**grifo nosso**), e redimensionam o olhar frenético e buscador daqueles que invadem a *internet* como piratas em alto – mar à cata de tesouros perdidos.

O virtual dentro do virtual, com a imagem dentro da imagem, em perspectiva, em verdade, e numa acepção que põe em xeque a letra filosófica, e que traz para a discussão o acento de ordem aristotélica e a rubrica heideggeriana, concomitantemente, pois o pensamento dos filósofos homônimos – Aristóteles e Martin Heidegger -, surfou magistralmente sobre as ondas do virtual, da virtualidade e dos possíveis virtualismos, através da letra metafísica, desde que a reflexão sobre o atual e o virtual se tornou um tema assaz inquietante para o pensamento ocidental, ao longo do século 20 e com reverberações significativas na decadência do finimilenarismo e do finissecularismo simultâneos – as impressões digitais do homem em estados de virtualização no planeta das conexões em rede. Ademais, é imperioso ressaltar que o homem que atravessou século e milênio concomitantes, numa virada espetacular, protagonizando a cena do

Neodecadentismo, é a personagem apocalíptica que está enredada nos milhões de fios e plugues, e que está conectada a uma ordem mundial, eliminando fronteiras e diminuindo, de forma irreversível, o tamanho do planeta. O mundo está cada vez menor e as linguagens multiplicam-se na velocidade da luz.

Nesse sequenciamento, é lícito e seguro afirmar que o olhar agudo, penetrante e sem fim, no horizonte não - possível de ser delineado, no universo *on line*, comprova a natureza e a força exuberante da tessitura literária em sua portabilidade ontológica (**grifo nosso**). O texto literário não é portátil, mas sua vertente autônoma e sua dinâmica única na realidade, a desafiar as próprias leis do verbo e do tempo, propiciam, na motricidade de sua substância, que flui permanentemente na realidade dos limites, o seu transporte, independentemente dos vetores endógenos ou exógenos e que agem no tensionamento da própria realidade. Destarte, consolidamos nosso pensamento com a assertiva de Fritjof Capra:

A autopoiese ou “autocriação” é um padrão de rede no qual a função de cada componente consiste em participar da produção ou da transformação dos outros componentes da rede. Dessa maneira, a rede, continuamente, cria a si mesma. Ela é produzida pelos atos componentes e, por sua vez, produz esses componentes (CAPRA, 1996, p. 136)

Estabelece-se, pois, o traço distintivo daquilo que é virtual, advindo do maquiinarismo imperante e em expansão na realidade lida e compreendida por *bites*, dígitos, senhas e arquivos secretos; e daquilo que emerge do Real por constituir-se o próprio Virtual, em seu fluxo inesgotável, que é o texto poético. Enquanto a primeira categoria é artificial, engendrada para abstrair a realidade circundante, de fora para dentro (*out* → *in*) a fim de que as pontes sejam criadas, culminando, em último estágio, no dialogismo entre o módulo maquínico e as identidades humanas, a segunda categoria opera o processo em tela, de modo inverso. A Arte, manifestando-se através do texto literário, ao se tornar *e-poiesis*, nas forças libertárias, que constituem a tessitura artística, promove, mostra e revela, por força da emergência de sua inefabilidade, o Natural; a característica que a religa à *physis* fundadora do Real, e que jamais será possível de ser codificada ou decodificada, pois, em essência, ela habita o espaço aberto do Ser que é, sendo fenomenologicamente circular, esférico e, portanto, cíclico. Assim, o texto poético é; e sendo, realiza-se. Ao realizar-se, a malha textual, enredando e enredada

pelo fenômeno radical, advindo da Arte, desrealiza a própria realidade para sê-la novamente. E sendo-a, ela promove a reflexão, mantendo e consolidando o círculo do Ser, que se dá sendo, contínua e eternamente nos sulcos do Real.

A *e-poeisis* opera o movimento no sentido oposto: de dentro para fora (*in* → *out*), pois o texto poético, por ser virtual em sua totalidade, estabelece por si só a (im)pulsão dialógica (**grifo nosso**). As pontes, as trilhas e as conexões são feitas sem que haja suportes externos ou internos para a promoção do fenômeno, que se dá através da recepção do texto poético; do exercício livre e franco, que é a leitura, em última análise. As instâncias plugadas naturalmente exercem o poder do câmbio e da navegação dos dados, que fluem, para além dos dimensionalismos lógicos, e são apreendidos pela lente precisa e delgada da percepção. Resta, finalmente, à cognição o trabalho de decodificação dos níveis que dão suporte ao texto literário, na condição de malha textual, em sua superfície horizontal e em sua densidade vertical. Esse é o mapa de viagem do leitor, que empreende, ao desvelar a literatura, cuja força, imanente e transcendente, liberta as cadeias da significação e da metassignificação do texto de ascendência poética.

Virtual em sua essência, a *poiesis* é a rede que, operada pelo código natureza – naturante, não sofre e tampouco corre riscos de agagões, queda de energia e/ou conflitos de qualquer ordem em seus circuitos. A Literatura é, indubitavelmente, um programa natural de dados infinitos e livre das falhas sistêmicas, que possam comprometer ou impedir que as mensagens trafeguem, naveguem; eternizem-se nas infinitas redes poéticas, pois, ao contrário do virtual maquínico, o tempo no espaço da *poiesis* não existe e as dimensões eclodem, revelando a face oculta do mistério, que, cifrado em cadeias permanentes, sugerem combinações ilimitadas, que vão além dos criptogramas matemáticos, e que fundamentam, em última instância, as linguagens computacionais. Os limites da Inteligência Artificial – I. A. – são os ilimites dos códigos que fundam o universo poético, que se expande para todos os lados; e das nuvens invisíveis que perfazem o Real.

A *e-poiesis* não surgiu e nem está em processo de ocupação no universo *on line* para asseverar que sua natureza e função sobrepujam o maquinismo digital, que, por sua vez, avança cada vez mais na realidade dos módulos autônomos, desafiando a lógica

do tempo, do espaço e da velocidade, ao mobilizar um número crescente e avassalador de informações - dados cibernéticos -, que circulam nas dimensões do Real e do Virtual. O lugar das tecnologias informacionais é fato consolidado e irrefutável no mundo que encurtou distâncias e que na contemporaneidade do terceiro milênio cabe na palma da mão; e o advento das mídias computacionais, em todas as suas classificações, assegura para o Homem, que parece mais incomodado com o adjetivo retrô, que ainda o determina no painel de sua própria estória, na condição de *sapiens*, (e por que não, *Homo digitalis*?) do que com o salto quântico, hoje tão apregoado pelos cientistas, que estão desenvolvendo as unidades computacionais quânticas, e que num futuro próximo transformarão em carroças os mais avançados computadores do mundo na atualidade.

Nos sistemas quânticos, as estruturas nanotecnológicas desaparecerão e as informações navegarão em uma velocidade incalculável, além do espaço, que será exponencialmente superior em relação aos *megabytes* contemporâneos, pois os *chips* cederão seu lugar definitivamente para os feixes de luz. A luz, portanto, em tempos que se avizinham, armazenará, em arquivos suspensos, as supernuvens, e nessas, a estória da Humanidade, desde o advento da descoberta da consciência e dos primeiros sinais de comunicação entre as populações mais remotas que já passaram pela Terra. Devemos salientar, ainda, que a capacidade e o alargamento das previsibilidades e das projeções, com a magnitude e a densidade, que advirão da Luz, ainda impensável para as mentes atuais, possibilitarão ao novo homem, qualquer que seja o seu próximo predicativo ou classificação, no percurso histórico e planetário, a capacidade de lançar diversos futuros, velozes e simultâneos, em telas hologramáticas. As palavras de ordem serão indubitavelmente: *start the games!*

Tais descrições, que parecem saltar de um filme de ficção científica, em verdade, é um dos passos análogos historicamente à conquista do Homem, quando esse pisou, pela primeira vez, o solo lunar, nos idos da década de 1960, e que está prestes a causar mais uma grande revolução maquínica, na qual o virtual ganhou forma, cor, tamanho e significação. No entanto, é imprescindível frisar que todas as realidades possíveis, as cognoscíveis e as que estão sendo geradas fenomenologicamente pelo devir, existem, são reais e constituem a teia inexplicável, que é o texto artístico, em sua fundação e eclosão nas realidades operadas e reconhecidas pela Linguagem.

A palavra poética, em transe, é o canal; o feixe de faces múltiplas e incontáveis, que, por um lado, dá forma ao que não é, ainda, e que, por outro lado, desfaz, como a singeleza de uma gota de orvalho, ao evaporar-se silenciosamente no ar - aquilo que é para se transformar, provavelmente, em outra entidade ou coisa a ser nomeada na realidade objetiva.

Na projeção dos cibernautas, dos pós-cibernautas e dos habitantes das nuvens, que definirá o rumo de uma humanidade maquínica e compreendida a partir do fenômeno da comunicação em rede, a grande revolução, sem dúvida, foi, é e sempre será a das máquinas, tendo o século 18 como divisor de águas, representado pela emergência da Revolução Industrial, na Inglaterra, que, gradativa e crescentemente, economizou o tempo, o espaço, o Homem e a própria Linguagem. Todavia, é imperativo afirmar que a criação dos mundos se fez e se faz, contínua e inesgotavelmente, através das palavras potencialmente poéticas, sejam textuais, sejam hipertextuais. Destarte, no turno do poeticismo, que ora propomos, arriscamo-nos com a seguinte assertiva: se Deus for um poeta, o *Fiat Lux* é a própria poesia! (**grifo nosso**)

O real torna-se o virtual. O virtual atualiza-se nas modulações do Real: verdades e faturas impossíveis de serem liquidadas à luz de um pensamento filosófico. O real desrealiza-se para virtualizar-se implacavelmente. O real é o virtual e o virtual é o real; e neste vaivém fantástico, em que a água doce se encontra com a água salgada, como se fosse uma grande pororoca, mas, também, com efeito reverso, a poesia, pela força transgressora, imponente e inatingível da *poiesis*, invade saborosamente, visível e invisivelmente, o universo *on line* para fundar o paralelismo dos mundos plugados e energizados pelo digitalismo, de um lado, e conectado pela *dinamys* da Arte, através do *HD* vivo e insubstituível, que é o poeta, do outro lado - este ser indefinido, que transita as esferas impensáveis, e que ora não sabemos se ele é de carne e osso, ora não sabemos se é etéreo e imaterial. Acerca de uma entidade flutuante no transe, Nahman Armony convincentemente declara:

O borderline está em busca de imagens de identificação, figuras estas que podem ser humanas, não - humanas, quase - humanas. As quase - humanas - figurações da mídia - e as não humanas - ideologias. (ARMONY, 1998, p. 58)

A *e-poiesis*, por ser a unidade colossal, que mantém, hibridamente, em um módulo singular, o além (do) Real, o virtual originário e o real virtualizado, todos concentrados na entidade *borderline*, que é o poeta, no maquinismo digital, na rede, todos, também *zipados* sem serem, para explodirem e eclodirem magicamente em outras teias, formando polos fractais múltiplos e infinitos, inaugura, de forma implacável, a grande janela – *windows* -, que possibilitará à Humanidade, qualquer que seja sua categorização, a viagem de ida e volta para novas realidades nas quais as palavras tempo e espaço jamais existirão, e o texto artístico transformará todos os leitores em personagens mais do que reais, virtuais em sua essência; em dados complexos para além da própria rede, pois, se *a e-poiesis* conjuga dois mundos distintos para fundar outras dimensões gigantescas, os leitores do futuro embarcarão em naves ciberizadas dos hipertextos poéticos e gozarão da primazia de, na condição de passageiros virtualizados, fazerem parte da tessitura da rede e em rede, juntamente com o *e-poeta*, ambos separados no bólido hipervirtual por um assento. No comando da supernave, o criador dos mundos - o poeta -, no banco de trás, conectado em seu *display* interativo, um viajante - o leitor -, e na paisagem, quase real, o imponderável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMONY, Nahman. **Borderline: uma outra normalidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

BARTHES, Roland. **Aula**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. 7. ed. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

LYOTARD, Jean-François. **Moralidades pós-modernas**. Campinas: Papyrus, 1996.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da comunicação literária**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TORRIGO, Marcos. **Universo holográfico**. São Paulo: Madras, 2004.